



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

GLAUSIA GRANAIR FERNANDES DOS SANTOS

**PLANEJAMENTO DOCENTE EM UM GRUPO DE BEBÊS E A ESPECIFICIDADE
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Florianópolis, SC

2014

GLAUSIA GRANAIR FERNANDES DOS SANTOS

**PLANEJAMENTO DOCENTE EM UM GRUPO DE BEBÊS E A ESPECIFICIDADE
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso Apresentado ao curso de Pedagogia como pré-requisito para obtenção da licenciatura em Pedagogia sob a orientação da Prof^a. Dra. Kátia Agostinho.

Florianópolis, SC

2014

Glausia Granair Fernandes dos Santos

**PLANEJAMENTO DOCENTE EM UM GRUPO DE BEBÊS E A ESPECIFICIDADE
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado ao curso de Pedagogia como pré-requisito para obtenção da licenciatura em Pedagogia foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, ____ de Junho 2014.

Prof.^a. Dra. Maria Sylvia Cardoso Carneiro
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Orientadora: Prof.^a. Dra. Kátia Adair Agostinho
CED-UFSC

Membro da Banca Examinadora: Prof.^a Dra. Eloisa Acires Candal Rocha
CED-UFSC

Membro da Banca Examinadora: Prof.^a. MSc. Fabiana Duarte
SME-Fpolis

Suplente: Dra. Regina Ingrid Bragagnolo
UFSC/NDI

Dedico a todos que me acompanharam no desenvolvimento deste trabalho e também aos que, assim como eu, nutrem o interesse pela prática docente com os bebês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me mostrar que pela fé tudo é possível e por ser meu refúgio nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, Laura e Osvaldir, meu irmão Cláudio, e meu esposo Fabiano, por todo apoio que sempre me deram, sem vocês não teria conseguido. Obrigada em especial, à minha filha, Anna Laura, razão da minha vida, por cada sorriso e gestos de carinho sempre que eu precisei. Agradeço aos meus Sogros, João e Catarina, também pelo apoio ao longo desta caminhada, que foi a graduação.

À Rúbia, que sempre esteve disponível para escutar minhas preocupações e meus medos e à minha prima Léa, pelo apoio.

Às amigas de curso, Letícia, Bruna, Gabi, Nathaly pelas trocas e por compartilharmos juntas este momento. Agradecimento especial à Eveline, pela amizade, pelas trocas e por compartilhar comigo não só esse momento, mas toda a graduação.

À Professora Eloisa, por despertar ainda mais o meu interesse pelos estudos sobre os bebês e também pela grande contribuição neste trabalho.

À professora Kátia, pelas orientações que tornaram possível esta pesquisa, pelo incentivo e pelas palavras de apoio quando tudo parecia tão difícil. Muito obrigada.

E por fim, quero agradecer a todos que me acompanharam ao longo do curso, e estiveram sempre disponíveis para me escutar.

Nunca tenha receio daquilo que está por vir.
Abraça a incerteza e deixe-se levar por ela.
Enfrente-a quando ela desafiar seu coração e sua mente ao longo de seu caminho para
a felicidade
Não se arrependa!
Mergulhe de cabeça em sua próxima ação.
Aproveite cada momento como ele se apresenta, pois você nunca mais terá outro igual.
E se acontecer de você perceber que está perdido, apenas respire fundo e recomece...
refaça seu trajeto e volte ao lugar mais puro de seu coração, onde vive sua esperança.
Ali reencontrará seu caminho.

Igor C. Achette

SANTOS, Glausia Granair Fernandes. **Planejamento docente em um grupo de bebês e a especificidade da educação infantil**. 47f. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, SC, 2014.

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo compreender o planejamento como ferramenta norteadora da prática docente com bebês bem como entender de que forma a especificidade da Educação Infantil, Cuidar e Educar é pensada no planejamento pelo professor. Para fundamentar o estudo busquei dialogar com autores que pesquisam a docência com os bebês. A pesquisa foi realizada através da análise dos relatórios de estágio do curso de pedagogia da UFSC entre os anos de 2009 a 2013 a fim de compreender quais as concepções e bases do planejamento utilizadas pelas estagiárias e como as dimensões do cuidar e educar foram planejadas. A metodologia utilizada foi a análise documental. A pesquisa evidencia o papel do planejamento para a prática docente com bebês como forma de articular as dimensões que compreendem a especificidade da educação infantil: cuidar e educar como dimensões indissociáveis.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Estágio. Docência. Bebês. Planejamento.

SANTOS, Glausia Granair Fernandes. **Teacher planning in a group of babies and specificity of early childhood education.** 47f. . Labour 2014 End of Course - Federal University of Santa Catarina, Center for Science Education, Undergraduate Education, Florianópolis, SC, 2014.

ABSTRACT

This research aimed to understand planning as a guiding tool of teaching practice with babies as well as understand how the specificity of Early Childhood Education, Care and Education is designed for planning by the teacher. To make the study sought dialogue with authors researching teaching with babies. The research was conducted by analyzing the internship reports of pedagogy courses at UFSC between the years 2009-2013 in order to understand the conceptions of planning and bases used by trainees and how the dimensions of care and education were planned. The methodology was based on documentary analysis. The research highlights the role of planning for teaching practice with babies as a way to articulate the dimensions that comprise the specificity of early childhood education: care and education as inseparable dimensions.

Keywords: Early Childhood Education. Stage. Teaching. Babies. Planning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.2 Justificativa	11
1.3 Objetivos	12
1.3.1 Objetivo Geral	12
1.3.2 Objetivos Específicos	12
1.4 Procedimentos Metodológicos	13
2 O PLANEJAMENTO DOCENTE E A INDISSOCIABILIDADE DO CUIDAR E EDUCAR.....	15
2.1 A Educação Infantil nos Documentos Legais.....	15
2.2 Cuidar e Educar: a Especificidade da Educação Infantil	17
2.3 O Planejamento Docente	20
2.3.1 As Ferramentas que se Entrelaçam e Constituem o Planejamento.....	23
3 CONCEPÇÕES, BASES DO PLANEJAMENTO E O CUIDAR E EDUCAR NOS MATERIAIS ELEITOS PARA A PESQUISA.....	27
3.1 Concepções e Bases para o Planejamento.....	30
3.2 Cuidar e Educar	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelos estudos sobre os bebês surgiu durante um estágio realizado no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI)¹ da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Pedagogia. Foi a minha primeira experiência profissional e despertou muitas curiosidades.

A rotina de uma turma de bebês é bem diferente da rotina de um grupo de crianças maiores, apesar de não ter experiências anteriores, isso foi ficando claro na medida em que eu ia observando alguns momentos da rotina dos outros grupos. Foi quando percebi que existem especificidades na prática docente com bebês.

Durante o estágio alguns aspectos me chamaram atenção, mais especificamente o Planejamento. A rotina dos bebês é marcada a maior parte do tempo por questões ligadas ao sono, higiene e alimentação, ou seja, aos cuidados. Porém, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), esta primeira etapa da Educação básica,

é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2009, p. 1).

No referido documento, esclarece-se a especificidade da Educação Infantil - Cuidar e Educar. Mas em termos pedagógicos, o que e como fazer com os bebês? São tão pequenos, alguns ainda não falam, não andam. E ainda, como não se perder em meio à movimentação da rotina? Meu grande interesse residia no planejamento, como era feito? Como são previstos os momentos do cuidar e educar nesse documento?

Durante o curso de pedagogia tínhamos uma disciplina destinada ao estudo dos bebês, onde pude conhecer um pouco mais suas rotinas e o meu interesse só aumentava. Foi neste momento do curso que defini o tema do Trabalho de Conclusão de Curso: Planejamento Docente em um grupo de bebês e a especificidade da Educação Infantil.

Por entender que a prática docente com bebês necessita ser pensada e bem planejada para que não caia no “improviso”, o professor precisa ter clareza das suas ações. Nessa mesma direção, Ostetto (2000, p. 175) afirma que,

¹ Estágio Não obrigatório realizado na 4ª fase do curso de Pedagogia.

No âmbito da educação infantil tem crescido a preocupação relacionada a “como planejar” o trabalho educativo com crianças de zero a seis anos em geral, e em particular com as menores de três anos. Tal preocupação pode ser relacionada ao fato de que, mais e mais, a educação infantil dirigida às crianças de zero a seis anos ganha estatuto de direito, colocando-se como etapa inicial da educação básica que devem receber as crianças brasileiras, respeitando os preceitos constitucionais. Tanto creches quanto pré-escolas, como instituições educativas, têm uma responsabilidade para com as crianças pequenas, seu desenvolvimento e sua aprendizagem, o que reclama um trabalho intencional e de qualidade.

Dessa forma, a presente pesquisa trata do planejamento como instrumento qualificador da prática docente com bebês e busca compreender de que forma a especificidade da Educação Infantil é pensada no planejamento pelo professor. Inicialmente será realizado o levantamento da produção e posteriormente uma análise documental nos relatórios de estágios na educação infantil do curso de Pedagogia. Nesses relatórios o foco da análise são os planejamentos/fragmentos destes, a fim de compreender como as estagiárias pensam o planejamento, e de que forma o Cuidar e Educar são planejados.

1.2 Justificativa

O intuito da presente pesquisa é analisar como o planejamento torna-se um instrumento norteador da prática docente em uma turma de bebês e como a especificidade da educação infantil, cuidar e educar, são pensadas pelas estagiárias.

Para fundamentar a pesquisa, será possível contar com as contribuições de autores como Coutinho (2002), Tristão (2006), Duarte (2011), Barbosa (2010), Guimarães (2008), Ostetto (2002), Schmitt (2011), entre outros.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) este atendimento é oferecido em creches e pré-escolas que cuidam e educam crianças de zero a cinco anos. A legislação deixa claro que na educação infantil, independente da faixa etária, o cuidar e educar são a especificidade desta etapa. Porém ainda existe a ideia de que no berçário, só se cuida, já que as crianças são muito pequenas, algumas ainda não andam e não falam, como fazer um trabalho pedagógico? Há a compreensão de que o pedagógico está muito ligado a ideia da atividade, que por sua vez é o “resultado final”.

Grande parte do tempo no berçário é dedicado às atividades de higiene, alimentação, sono, e dessa forma acabam por não receber a atenção necessária por parte das professoras, conseqüentemente não são avaliadas nem refletidas (TRISTÃO, 2006).

O professor precisa ter clareza de suas ações, é preciso que este não esqueça a especificidade da educação infantil, o cuidar e educar, de forma indissociável. É neste momento que o planejamento torna-se o fio condutor, pois garante a vivência de situações significativas de aprendizagem e conhecimento de mundo pela criança. É através do planejamento que será possível organizar o trabalho e conseqüentemente contribuir para as experiências e o desenvolvimento das crianças. Para realizá-lo é necessário refletir sobre a prática docente, conhecer as crianças que estão no berçário, escutá-las, cuidá-las, educá-las, mas não somente isso, é necessário que as professoras organizem suas ações para que a prática não caia no imprevisto, isso é feito através do planejamento.

Para realizar esse estudo, no aprofundamento e levantamento teórico utilizarei a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), a bibliografia já citada anteriormente e outras que se apresentam como importantes no decorrer do trabalho, bem como a análise de relatórios e memoriais de estágios em Educação Infantil realizados no curso de Pedagogia da UFSC nos últimos cinco anos, de 2009 a 2013.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar como o planejamento torna-se um instrumento qualificador da prática docente no berçário.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Compreender importância do planejamento para a prática docente no berçário;
- Analisar na legislação específica e documentos oficiais da educação infantil o cuidar e educar bem como as orientações sobre o planejamento;
- Aprofundar os conceitos de “cuidar e educar”;
- Analisar nos relatórios e memoriais de estágios realizados entre os anos 2009 e 2013 os planejamentos com grupos de bebês as seguintes questões: Como as estagiárias pensam planejamento e quais as bases utilizadas? O cuidar e educar são pensados no planejamento?

1.4 Procedimentos Metodológicos

Será realizada uma análise dos relatórios e memoriais de estágios na Educação Infantil do curso de Pedagogia da UFSC dos cinco anos anteriores, bem como pesquisa bibliográfica das legislações específicas da educação Infantil, e estudos em teses, artigos, dissertações da área.

- 1- Pesquisa bibliográfica em Legislações específicas Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional, DCNEI, bem como em artigos, teses e livros.
- 2- Será feita uma análise dos relatórios e memoriais de estágio na Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina no período de 2009 à 2013 a fim de buscar fragmentos dos planejamentos das estagiárias.

A metodologia utilizada para o presente estudo, no âmbito da abordagem qualitativa, é a análise documental, que segundo Silva et al (2009), “permite a investigação de determinada problemática [...] por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social” (p. 4557). Assim a pesquisa documental, enquanto método de investigação da realidade social, não é apenas a análise dos documentos escolhidos,

mas a análise deles deve responder às questões da pesquisa, exigindo do pesquisador uma capacidade reflexiva e criativa não só na forma como compreende o problema, mas nas relações que consegue estabelecer entre este e seu contexto, no modo como elabora suas conclusões e como as comunica. (SILVA et al, 2009, p. 4556).

Para realizar tal análise, foi necessário fazer um levantamento dos relatórios e memoriais de estágios do curso de pedagogia da UFSC, entre os anos de 2009 a 2013. Tal recorte foi eleito por ser os últimos cinco anos desta produção. Na sala onde estavam armazenados os documentos encontrei inúmeros relatórios e memoriais, não só do curso de Pedagogia, mas de outros cursos também. Haviam na sala três armários, um grande, médio e pequeno. No armário grande encontravam-se a maioria dos documentos e boa parte deles estavam amarrados com barbante. A medida que eu ia retirando os barbantes percebi que se tratavam de relatórios de estágio de outros cursos, como por exemplo, Geografia, Matemática, Letras Português, Pedagogia Habilitação Anos iniciais do ensino fundamental, entre outros.

Fernandes (2013) também analisou relatórios e memoriais de estágio do curso de Pedagogia em Educação Infantil em seu Trabalho de Conclusão de curso, e já havia iniciado a organização destes materiais, acredito que por isso estavam amarrados com barbantes. No armário médio estavam outros documentos e CDs, e no armário pequeno, encontrei muitos relatórios em sua maioria dos anos 90 em diante e alguns memoriais, foi de onde retirei os materiais eleitos para a presente pesquisa, pois ali encontrei os documentos mais recentes que compreendiam os anos de 2009 a 2013. No total, encontrei quatorze documentos, destes quatorze, dez seriam analisados, dois de cada semestre, porém percebi que não teria tempo hábil para analisar tantos relatórios. Dessa forma foram eleitos cinco documentos, um de cada ano, houve a preocupação de que esses documentos tivessem locais de estágio e orientadores diferentes. Os documentos eleitos serão analisados no capítulo três desta pesquisa.

A produção de tais materiais, relatórios e memoriais, se dá ao fim do estágio, geralmente é construído em duplas, nestes documentos as estagiárias registram as vivências que foram mais significativas ao longo do estágio realizado, fazendo um aprofundamento teórico-reflexivo sobre as mesmas e a docência na educação infantil.

Após a introdução, o texto deste estudo está organizado da seguinte forma: no capítulo 2, intitulado “O planejamento docente e a indissociabilidade do cuidar e educar” apresento de forma breve a área e a especificidade do cuidado e educação indissociados. No capítulo 3 que tem como título “Concepções, bases do planejamento e o cuidar e educar nos materiais eleitos para a pesquisa” trago a análise realizada nos relatórios e memoriais do curso de pedagogia.

Inicialmente foram realizadas as leituras dos materiais eleitos para a pesquisa, posteriormente retirei destes os trechos que apresentavam elementos que respondiam as questões fundantes da pesquisa, apresentando os mesmos, no texto desse estudo, cruzados com as teorias de suporte da pesquisa e as minhas considerações. Observei que devido à organização diferenciada do memorial, composto por capítulos bem definidos, pude encontrar as respostas para as questões no capítulo em que as estagiárias discorrem sobre o planejamento. Tal procedimento não ocorreu com os relatórios devido à sua organização, que não prevê um capítulo específico para tratar dos planejamentos.

A referida análise é guiada por duas questões já mencionadas nos objetivos específicos desta pesquisa. Fecho o estudo tecendo minhas considerações finais.

2 O PLANEJAMENTO DOCENTE E A INDISSOCIABILIDADE DO CUIDAR E EDUCAR

2.1 A Educação Infantil nos Documentos Legais

Para adentrarmos as discussões acerca da especificidade da área iniciaremos percorrendo a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

A Constituição Federal (1988), indica que o Estado brasileiro deveria garantir a oferta da Educação Infantil pública, Gratuita e de Qualidade. Segundo Barbosa (2010, p. 1), a Constituição Federal passa a atender os “anseios da sociedade, especialmente do movimento de mulheres feministas, sindicalistas ou moradoras de bairro”. Nas décadas que se seguiram houve expansão dos estabelecimentos voltados à Educação Infantil. De acordo com a autora, tanto este documento como os demais decorrentes dele, fizeram com que os Estados e Municípios construíssem centros e escolas de educação Infantil para atender crianças de zero a seis anos. Com isso, o atendimento a crianças de zero a três anos ampliou-se de modo bastante significativo.

A ideia inicial do direito a vaga em creches e pré-escolas para filhos de pais trabalhadores foi sendo superada nos vinte anos após o texto da Constituição, passando a ser então um direito da criança frequentar uma instituição de educação infantil.

Já em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96) passa a reconhecer a Educação Infantil como a 1ª etapa da Educação Básica, conforme excerto:

Seção II

Da Educação Infantil

Art. 29. A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

- I- creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II- pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade. (BRASIL, 2007, p. 9).

Este trecho da lei além de reconhecer a educação infantil como primeira etapa da educação básica, indica ainda dois segmentos, a creche e a pré-escola, ambas destinadas à

faixas etárias diferentes, creche para crianças de zero a três anos e pré-escola para crianças de quatro a seis.

As mudanças continuaram e em 1999 são lançadas as primeiras Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, ampliadas em 2009, que “reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares.” (BRASIL, 2009, p. 1).

As diretrizes reafirmam o que foi posto anteriormente nos textos da Constituição Federal e Lei de Diretrizes e Bases e ainda, estabelece a especificidade da educação infantil, como podemos notar no trecho a seguir:

Art. 5º A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que **educam** e **cuidam** de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos à controle social. (BRASIL, 2009, p. 1, grifos nosso).

De acordo com as Diretrizes, a especificidade da educação Infantil, Cuidar e Educar são indissociáveis ao processo educativo. Nesse sentido, as propostas pedagógicas das instituições devem respeitar esta especificidade.

É possível perceber as modificações que a educação infantil foi passando ao longo desses anos, ela passa a ser um direito da criança, as vagas são ampliadas, embora saibamos estão longe de atender as demandas, porém, conforme indica Barbosa (2010, p. 1-2), não se pode afirmar que tenha se efetivado uma pedagogia específica para os bebês, pois segundo ela,

Em grande parte das instituições, as singularidades das crianças de 0 a 3 anos, especialmente os bebês, ficam subsumidas às compreensões sobre o desenvolvimento e a educação das crianças mais velhas. Afinal, até hoje as legislações, os documentos, as propostas pedagógicas e a bibliografia educacional privilegiaram a educação das crianças maiores.

Para a autora, mesmo que os bebês estejam presentes na educação infantil, suas particularidades se mantêm invisíveis nas propostas político-pedagógicas, bem como não dão “atenção às especificidades da ação pedagógica para esta faixa etária”. (BARBOSA, 2010, p. 2). Por isso o interesse desta pesquisa.

2.2 Cuidar e Educar: a Especificidade da Educação Infantil

Para que se possa compreender melhor a função da educação infantil é necessário explanar para além dos documentos legais, a especificidade do educar e cuidar indissociados para pensarmos o planejamento de modo que não se separem as ações de cuidado e educação.

Segundo Cerisara (1999), durante décadas havia no Brasil dois tipos de atendimentos às crianças, as creches e as pré-escolas. As primeiras realizavam um trabalho denominado “assistencialista” e as segundas eram mais voltadas para um trabalho denominado “educativo”, o que a autora chama de “falsa divisão”. Com isso ficava implícita a ideia de que existia uma forma de trabalho mais voltado às atividades de assistência (com caráter não-educativo), pois traziam-se para estas instituições práticas do modelo familiar/hospitalar.

As instituições denominadas pré-escola por sua vez, traziam o modelo escolar das escolas de ensino fundamental (escolarizantes). Cerisara (1999, p. 13, grifos da autora) aponta ainda que à partir de muitas pesquisas constata-se que essa dicotomia é falsa, visto que todas as instituições tinham um caráter educativo, “as primeiras, com uma proposta de educação assistencial voltada para a educação das crianças pobres e as outras, com uma proposta de educação escolarizante, voltada para as crianças menos pobres.”

A autora nos indica que existe uma incompreensão do cuidar e educar de forma indissociável, devido a dicotomização entre as atividades com perfil mais escolar e aquelas ligadas aos cuidados. Sendo assim, acredito que seja de suma importância definir o que significa de fato cuidar e educar de forma indissociável.

Contamos com as contribuições dos estudos de mestrado de Coutinho (2002) e Tristão (2004), que também abordam a dicotomia entre o cuidar e educar, segundo as autoras, a dicotomia é perceptível no cotidiano das instituições educativas, “as atividades consideradas de cuidado estão subordinadas às atividades consideradas pedagógicas”. (TRISTÃO, 2004, p. 155). A mesma autora nos explica que:

Vincular o cuidado apenas com atitudes relacionadas ao corpo faz parte da herança moderna de seccionar o corpo e mente em categorias estanques, em que o cuidar estaria ligado ao corpo e o educar à mente. (MARANHÃO, 2000 apud TRISTÃO, 2004, p. 118).

Aponta que uma das grandes dificuldades na compreensão do cuidado na educação infantil é a sua vinculação restrita ao corpo, não levando em consideração as intenções, os sentimentos e os significados que estão amplamente correlacionados com o educar. Essa visão reducionista de cuidado não pode mais ser concebida. (MARANHÃO, 2000 apud TRISTÃO, 2004, p. 155-156).

A autora ressalta que quanto menor as crianças, mais se destacam as dimensões do cuidado, e que muitas vezes estas ações são desvalorizadas, porém são muito importantes nas relações com os pequenos.

Para compreender o conceito de “cuidar” recorro à Duarte (2011), que em sua dissertação de Mestrado intitulada “Professora de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente”, afirma que o termo “cuidado” é mais usado para se referir às funções que são consideradas importantes para as crianças, e menciona Boff (1999), o qual defini de forma bastante clara o que significa o cuidado:

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo, de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (BOFF, 1999, p. 33 apud DUARTE, 2011, p. 155, grifo da autora).

A partir das palavras dos autores podemos pensar o cuidar como uma atitude de se fazer presente, afinal, cuidá-las não é somente atender as suas necessidades básicas, mas dar-lhes atenção, mostrar-se à disposição. O cuidado está presente em todos os momentos da rotina, bem como a dimensão educativa, conforme visto anteriormente nos documentos legais o cuidar e educar são objetivos indissociáveis, estão interligados, ou seja, se complementam. E concordo que:

[...] a dimensão do cuidado é intrínseco à dimensão do educar, assim como o contrário, o cuidado como educação deve ser um princípio no trabalho com as crianças pequenas, pois se acredita que todo ato de cuidado envolve uma concepção de educação. Nesse sentido, a base da prática docente deve contemplar o educar e cuidar, balanceando essas duas dimensões. Parte-se, portanto da concepção de que quando se educa o outro também se está cuidando desse outro, e ao cuidar dele se está educando-o. O termo “cuidado” permite demarcar ainda mais que essa dimensão se faz presente na educação infantil e que esse cuidado tem uma marca específica comparado a outros níveis de educação, principalmente quando esse cuidado envolve os bebês em contexto educativo. (DUARTE, 2011, p. 157).

Duarte (2012, p. 3) afirma ainda que as ações que envolvem o cuidar e educar “precisam ser direcionadas sem fragmentações, sem que se separe a cabeça do corpo”, o professor precisa ter clara a intencionalidade na prática para que suas ações não sejam automatizadas e fragmentadas. É importante que se tenha clara essa indissociabilidade e mais ainda, que o cuidar não está restrito apenas aos cuidados com o corpo (necessidades básicas, o

que não deixa de ser importante). Nesse sentido temos a necessidade de compreendê-lo em sua totalidade e não apenas ao corpo.

Guimarães (2008) em seu estudo sobre os bebês² discute as práticas de cuidado, e traz conceitos fundamentais para a prática docente com os pequeninos. A autora destaca a importância do *cuidado de si*, conceito presente na investigação de Michel Foucault, que entende o “cuidado como um movimento de interrogar-se sobre, efetuar um trabalho sobre si, numa perspectiva ética”. (GUIMARÃES, 2008, p. 1). Interrogar-se no sentido de refletir sobre suas próprias ações, “eu como educador dou atenção às minhas próprias ações? Reflito sobre minhas intervenções?”. (GUIMARÃES, 2008, p. 4).

Para a autora,

o trabalho das profissionais da creche é focalizado como um trabalho de questionamento frequente sobre suas funções, emoções e ações. Além disso, permite entender o trabalho com os bebês como incentivo à abertura de caminhos de encontro deles consigo mesmos, nos primeiros meses de vida, no momento em que nasce o si mesmo. (GUIMARÃES, 2008, p. 4).

Guimarães (2008, p. 4) discute o cuidado na perspectiva do cuidado de si, para além dos cuidados com o corpo, um cuidado mais abrangente, “que se desdobra numa determinada maneira de olhar e considerar o outro-bebê, evidenciando suas potencialidades expressivas e de contato”.

Refletir sobre essas questões é fundamental para a prática docente. A autora aponta que é necessário que as professoras atentem-se para o *cuidado de si*, para desenvolvê-los também nas crianças, pois o *cuidado de si* para estas “é o primeiro despertar, o encontro delas consigo mesmas.” (GUIMARÃES, 2008, p. 4).

Na perspectiva do *cuidado de si*, a autora defende que não se deve dirigir a criança e sim deixar que ela mesma dirija-se, pois dessa forma possibilita o desenvolvimento da autonomia, a fazer suas próprias escolhas e tomar suas iniciativas, “é uma forma de cuidarem do cuidado da criança sobre si, promovendo outra experiência da criança sobre si e com o mundo.” (GUIMARÃES, 2008, p. 207).

Na imersão do estudo, ao realizar o aprofundamento teórico compreendi que outro conceito considerado fundamental para nossas discussões advém dos estudos Mikhail Bakhtin (2004 apud GUIMARÃES 2008), trata-se da atitude responsiva, ou responsividade, que

² Tese de Doutorado Intitulada: Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado.

envolve a ideia de intencionalidade, troca com o outro e o afeto, perceber o que o bebê está fazendo e iniciar uma ação, ou resposta, em direção à ele.

Schmitt (2011) afirma que o conceito de responsividade de Bakhtin (2003),

Alude à não diferença do ser diante do outro, ao lhe dar respostas a partir do lugar que esse outro ocupa. Segundo o autor, compreender o outro é compreender seu dever em relação a ele “(a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele), isto é, compreende-lo em relação a mim mesmo (...) o que pressupõe a ação responsável e não a abstração de mim mesmo”. (BAKHTIN, 2003 apud SCHMITT, 2011, p. 23).

A mesma autora, ao abordar as relações sociais com e entre os bebês contribui para a compreensão de tal conceito. Para ela:

As relações de cuidado não são apenas ações mecânicas de assear o *outro*, configuram-se também como respostas ao *outro* bebê nas suas manifestações emocionais, que gradativamente vai identificando o *outro* adulto como aquele que pode atendê-lo, a pessoa de quem ele pode esperar ajuda. Isso é reforçado pelo fato de que, nessa idade e no contexto coletivo da creche, é o adulto profissional que tem a função de reconhecer a necessidade desse cuidado. Primeiramente, é sob seu olhar que as necessidades de cuidado com o outro são percebidas e identificadas, originando-se daí as respostas ao *outro* bebê. (SCHMITT, 2011, p. 22, grifos da autora).

Assim, podemos compreender a atitude responsiva, ou seja, a resposta do adulto profissional na direção das necessidades dos bebês como um importante conceito a ser considerado nas práticas pedagógicas junto aos mesmos.

Diante do exposto, podemos perceber que esses conceitos caminham em direção a qualidade do cuidado. Além de contribuir muito para a reflexão da ação docente com os pequeninos, permite compreender o cuidado como um significado mais amplo, que envolve tanto os cuidados básicos, que são importantes, como a dimensão educativa que está presente em todos os momentos, constituindo assim a especificidade da educação infantil.

2.3 O Planejamento Docente

O planejamento é a ferramenta pedagógica que orienta a prática docente, juntamente com a observação, o registro, a avaliação e a documentação pedagógica constituem o fazer pedagógico, são ferramentas indispensáveis.

Meu interesse sobre o planejamento pedagógico no berçário decorre, como já referido, de um estágio feito durante o curso de pedagogia com crianças de até um ano meio, e a questão da organização das atividades (aqui entendidas como as dimensões do cuidado e educação) me despertaram muito interesse. Ficaram muitas dúvidas, como era feito o planejamento? O que era necessário levar em consideração na sua construção? Como o cuidar e educar estavam inseridos neste documento?

Além destas questões percebi que existe certa desvalorização do trabalho docente no berçário, como se não houvesse o caráter educativo, não por parte da professora do grupo, mas por outras professoras com quem conversava. Duarte (2012), destaca que o G1 (crianças de quatro meses a um ano) aparece como um grupo “resignado”, pelo conjunto da instituição, este grupo geralmente fica por último nas escolhas. Porém, estas mesmas pesquisas apontam também que esta faixa etária vem despertando o interesse de alguns profissionais, que tem o G1 como preferência.

De certa forma, a dimensão educativa me trouxe algumas inquietações, o tempo de estágio foi pequeno e apesar de compreender que não é regra ter um “resultado final” de uma atividade/experiências planejadas para as crianças, me perguntava como exatamente se dava o processo educativo? Como as dimensões do cuidar e educar estavam previstas neste documento?

De acordo com Ostetto (2000, p. 175) têm crescido a preocupação relacionada ao planejamento na Educação Infantil, principalmente com crianças menores de três anos, por ser um direito e também por se tratar da primeira etapa da Educação Básica. Cuidar e educar são de acordo com a legislação atual objetivo indissociável. E quando se trata de bebês, surge então a dúvida do que fazer, pois são tão pequenos. Conforme afirma Tristão (2006), na prática pedagógica com os bebês grande parte do tempo é preenchido com questões relativas aos cuidados, sono, alimentação, trocas, banho, e considerando a especificidade da docência com os bebês é necessário então que as professoras/es reflitam sobre a mesma. Para a autora, as professoras de educação infantil,

têm um papel fundamental, que defino como sutil, na aprendizagem das crianças. Este pode ser caracterizado como uma presença atenta e disponível a compartilhar os conhecimentos produzidos e acumulados pela humanidade ao longo da sua história. Para tanto, é essencial o planejamento de situações ou do uso de materiais diversificados no cotidiano de trabalho com os pequenos, proporcionando o contato com diferentes possibilidades de aprendizagens, quais sejam, relacionais, afetivas, cognitivas, expressivas, artísticas... (TRISTÃO, 2006, p. 48).

Existe a noção de que não há como fazer atividades no berçário, pois os bebês são às vezes, totalmente dependentes do adulto, não produzem nada concreto, e as questões relativas à rotina de cuidados já tomam muito tempo. Acredito que o planejamento então, tenha um papel fundamental, pois é através dele que o professor vai conseguir organizar as suas tarefas e refletir sobre elas, ele consegue ter clareza da sua prática.

Tristão (2009, p. 4) ao falar da prática docente com bebês afirma que este se caracteriza “pela sutileza das ações cotidianas, que muitas vezes não são percebidas dentro da rotina diária, mas que são determinantes na caracterização dessa profissão devido ao caráter humanizante”. Então como pensar em propostas para crianças tão pequeninas? Ou melhor, o que planejar? Para responder tais questões é preciso primeiro, saber quem são os bebês, quais são suas capacidades. Nesse sentido, Barbosa (2010, p. 2) afirma que “durante muitos anos os bebês foram descritos e definidos principalmente por suas fragilidades, suas incapacidades e sua imaturidade”, porém nos últimos anos as pesquisas mostraram que os bebês possuem inúmeras capacidades, são “potentes no campo das relações sociais e da cognição. Eles são dotados de um corpo no qual afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados.” (BARBOSA, 2010, p. 2).

Volto novamente à questão do planejamento, o que fazer com os bebês? Ostetto (2000, p. 190) mais uma vez nos dá sua contribuição ao afirmar que “mais do que conteúdo de matemática, de Língua Portuguesa e das ciências, o planejamento na educação infantil é essencialmente linguagem, formas de expressão e leitura de mundo” e acrescenta ainda que o ponto de partida é a observação. É observando, percebendo os interesses das crianças, suas curiosidades, e para isso é de extrema importância que as professoras tenham escuta e olhar atentos. Acredito que a preocupação com o planejamento está mais ligada às questões de conteúdo (ou “ingredientes”, como afirma Ostetto) do que a forma, a estrutura propriamente dita.

Sobre o “conteúdo”, Tristão (2009, p. 9) indica que as professoras de bebês devem proporcionar experiências diversificadas, para a autora, no primeiro ano de vida tudo é novidade para o bebê, é o momento em que está descobrindo o mundo, “tendo suas primeiras impressões sobre o que é ser humano”. Por isso a importância de pensar em propostas diferentes e estimulantes para as crianças.

Faz-se necessário também entender como se organiza o planejamento, mesmo este não tendo um formato único, precisa ter alguns elementos, tais como: objetivo (porque?), experiências pensadas (o que e para quem?), as estratégias (como?) e acompanhamento/avaliação.

Ao iniciar um planejamento é preciso se fazer a seguinte pergunta: qual é o meu objetivo (o que eu espero alcançar)? O objetivo deve ter uma intencionalidade mais ampla e outra mais específica. De acordo com as Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de ensino de Florianópolis – Estratégias das Ações Pedagógicas (2012), o campo mais amplo é aquele objetivo que pretende-se atingir a longo prazo, e o mais específico são aqueles que pretendemos alcançar a curto prazo, e devem ser definidos semanalmente de acordo com as vivências das crianças. No próximo item, as experiências, é o campo onde o professor deve incluir o que será proposto de forma intencional, nesse momento o professor precisa levar em consideração quem são as crianças que fazem parte do grupo, os registros, bem como as orientações curriculares. No campo das estratégias, inclui-se o modo como se pretende atingir os objetivos já traçados anteriormente, aqui o professor pode listar os materiais que serão utilizados, bem como a organização dos tempos e espaços, e se haverá participação de outros profissionais. A avaliação/acompanhamento também estão previstos no planejamento, é a observação e o registro que fornecerão elementos para a continuidade desse processo de planejamento.

2.3.1 As Ferramentas que se Entrelaçam e Constituem o Planejamento

Observação

Acredito ser esse o primeiro passo para um planejamento intencional, é através da observação, da escuta sensível, do olhar atento a cada criança e ao grupo como um todo que o professor irá conhecê-las, observando as crianças nos mais variados momentos, na chegada, na alimentação, na relação com as outras crianças e com as professoras, nas brincadeiras, enfim é observando que encontramos os indícios dos interesses e curiosidades delas. Não se pode planejar sem saber “o que” planejar e “para quem planejar”, o professor precisa ter clara a sua intencionalidade, e para isso é necessário ter todo esse conhecimento para então elaborar as proposições. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Infantil da RME de Florianópolis:

Observando-as e escutando-as aprendemos a respeitá-las, a compreender suas ações e experiências, seus processos de desenvolvimento, conhecimentos e modos de expressão. A construção de um olhar constantemente voltado às crianças e suas experiências abre caminho para uma prática pedagógica significativa – que efetivamente considera e qualifica suas produções culturais. (FLORIANÓPOLIS, p. 233).

Diante do exposto, não existe outra forma de conhecer as crianças sem observá-las, é preciso educar o olhar e estar atenta as mais variadas situações.

Registro

Produzido diariamente, o registro é um documento em que o professor descreve as situações que foram observadas durante a permanência das crianças na creche. Entende-se que é fundamental registrar esses momentos, pois é muito difícil lembrar todas as situações se não houver algum tipo de registro (seja fotográfico, descritivo, ou fílmico). A realização do registro é de suma importância para a construção do planejamento, pois é à partir do registro do que foi observado que o professor terá indícios dos interesses e curiosidades das crianças, para então construir o planejamento.

Observar e registrar, de forma contínua e sistemática, possibilita a ampliação dos conhecimentos sobre as crianças com as quais atuamos e suas experiências e, ao organizarmos, refletirmos e analisarmos os registros realizados produzimos um conjunto de materiais que contribui, significativamente, para avaliar o proposto, planejar e replanejar as experiências educativas a serem propostas e as formas de organização dos espaços, dos tempos e dos materiais. (BRASIL, 2009, p. 235).

Sendo assim, essas ferramentas servirão de base na construção do planejamento, é desta documentação que saem os “ingredientes” que o compõem. O registro não é um relatório descritivo de tudo o que aconteceu no dia, e sim uma “memória” das situações mais significativas, as quais merecem reflexão e que enfoque as relações criança-criança, criança-adultos, criança-propostas realizadas. É possível e também é bastante interessante combinar diversos tipos de registros, escritos, em áudio, fílmico, pois cada um desses possuem características particulares e proporcionam mais riquezas de detalhes.

De acordo com as Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de ensino de Florianópolis (FLORIANÓPOLIS, 2009), pode-se usar estratégias para registrar, por exemplo, nos momentos de interação das crianças ter sempre ao alcance um bloco de anotações e caneta, além de máquina fotográfica. Importante ressaltar também que assim como o planejamento, o registro não tem um formato único, é algo pessoal do professor.

Avaliação

A avaliação assim como a observação, registro e planejamento também se constitui como ferramenta da ação pedagógica. É importante ressaltar que mesmo não sendo analisada nos relatórios e memoriais na presente pesquisa, necessita aqui ser tratada, dada sua importância.

De acordo com a LDB/96, a avaliação tem a função de acompanhar e repensar o trabalho que foi realizado, mesmo que na Educação Infantil não tenha objetivo de seleção é necessário que se faça essa reflexão. A avaliação é uma prática permanente, para que se possa acompanhar e repensar as propostas feitas com as crianças. Sobre a avaliação, cabe ressaltar que de acordo com o artigo de nº10 das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, esta não tem objetivo de seleção, promoção ou classificação e deve garantir:

- I- a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;
- II- utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.);
- III- a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/ensino fundamental);
- IV- documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto as crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil;
- V- a não retenção das crianças na Educação Infantil. (BRASIL, 2009, p. 5).

Nesse quesito podemos contar com a colaboração de Almeida (2011, p. 36), quando esta afirma que:

pensar sobre o processo avaliativo implica pensar no projeto de gestão institucional, nos atores sociais (que dinamizam e dão vida a esse projeto) e nos elementos culturais (que balizam a criação de contextos educativos e de construção da identidade das crianças).

A autora defende um tipo de avaliação que não avalie somente as crianças, mas a educação infantil como um todo. No Parecer Nº 20 do CNE/CEB também podemos compreender que tipo de avaliação pretende-se para a educação infantil. Segundo este documento, a avaliação é:

Instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica na busca por melhores caminhos para orientar as aprendizagens das crianças. Ela deve incidir sobre todo o contexto da aprendizagem: as atividades que foram propostas e os modos como foram realizadas, as instruções e os apoios que foram oferecidos as crianças individualmente e ao coletivo de crianças, a forma como o professor respondeu as manifestações e as interações das crianças, os agrupamentos que as crianças formaram, o material oferecido e o espaço e o tempo, garantidos para a realização das atividades. Espera-se à partir disso, que o professor possa pesquisar quais elementos estão contribuindo, ou dificultando as possibilidades de expressão, da criança, sua aprendizagem e seu desenvolvimento, e então fortalecer ou modificar, a situação, de modo a efetivar o Projeto Político-Pedagógico de cada instituição. (BRASIL, 2009, p. 16).

Diante disso, podemos concluir que a avaliação nesta primeira etapa da educação básica, não tem caráter de seleção, bem como não deve avaliar apenas a criança, mas sim todo o contexto da educação infantil, incluindo é claro as propostas pedagógicas.

3 CONCEPÇÕES, BASES DO PLANEJAMENTO E O CUIDAR E EDUCAR NOS MATERIAIS ELEITOS PARA A PESQUISA

Como já ressaltado, o meu interesse sobre a discussão do planejamento pedagógico no berçário nasceu de uma experiência de estágio não obrigatório realizado durante a quarta fase do curso de pedagogia/UFSC. Foi também nesse locus de formação que busquei o material de análise desse estudo – os relatórios de estágios.

Para responder as perguntas expostas nos objetivos, quais sejam: Como as estagiárias pensam o planejamento e quais as bases utilizadas para realiza-lo? O cuidar e educar são pensados no planejamento? Realizei a análise dos relatórios e memoriais de estágio obrigatório na educação infantil do curso de pedagogia UFSC de 2009 a 2013.

Neste momento, penso ser fundamental explicitar como a prática de estágio insere-se no curso bem como os tipos de documentos originados deste. Para isso, é possível contar com a colaboração de Fernandes (2013):

De acordo com Cerisara et al (2002) a habilitação em educação infantil, existe no curso de Pedagogia da UFSC desde o ano de 1980. Desde então, os estágios têm sido encaminhados de diversas maneiras. Á partir de 1995, a habilitação de educação infantil acontece durante as duas últimas fases do curso, cujo estágio se divide em dois momentos: na sétima fase, a disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil I e na oitava fase, a disciplina Estágio Supervisionado na Educação Infantil II. (CERISARA et al, 2002, apud FERNANDES, 2013, p. 18).

Nesse primeiro momento, que ocorria na 7ª fase do curso, as estagiárias ao aproximarem-se das crianças e dos contextos educativos elaboravam um projeto de estágio que serviria como ponto de partida na fase posterior – a 8ª fase, ao final dela era elaborado o relatório em que registravam as suas vivencias. Fernandes (2013, p. 18) salienta ainda que “as estagiárias que iriam para determinada instituição elaboravam um único documento visando o coletivo da creche. Porém cada dupla ficaria responsável por realizar a sistematização do estágio com a turma no qual ficou responsável”.

No ano de 2009, foi implementado um novo currículo no curso, que extinguiu as habilitações, passando a contemplar os estágios na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental como obrigatórios para todos os estudantes do curso. O estágio na Educação Infantil no novo currículo é realizado na 7ª fase do curso, enquanto o estágio nas Séries Iniciais passa a realizar-se na 8ª fase. O documento final que registra as vivências no estágio na Educação Infantil passa a denominar-se Memorial de estágio, também construído

em duplas, no qual registra-se as vivências mais significativas nesse percurso da prática de estágio.

O Memorial é definido por Oliveira e Lima (2011) como um material de *exercício de interrogação*:

[...] das vivências, estudos, descobertas e experiências que nos marcaram ao longo do estágio “para fazer aflorar não só recordações/lembranças, mas também informações que confirmam novos sentidos ao nosso presente” (DEMOCRACIA PARTICIPATIVA, 2011 apud OLIVEIRA; LIMA, 2011, s/p).

A construção de novos sentidos requer que nos debruçemos sobre as discussões e o referencial teórico estudado ao longo do curso e, em particular, aqueles que sustentam a prática pedagógica na Educação Infantil. Assim, a narrativa-reflexiva construída em cada eixo deve estar *fundamentada teoricamente* como os principais conceitos que sustentam cada eixo e articulado com os demais. Soma-se a este movimento, a busca por referenciais teóricos que abordem demandas específicas de cada instituição, grupo de crianças ou planejamento. (OLIVEIRA; LIMA, 2011, s/p, grifos das autoras).

Penso ser importante destacar a importância do estágio na formação universitária, muitas vezes é através do estágio que se tem um contato maior e mais significativo com a prática, conforme Rocha e Ostetto (2008, p. 105):

O estágio não apresenta um caráter aplicativo, prescritivo e normativo das práticas de educação e cuidado das crianças de 0 a 6 anos. Ao contrário, abre-se como possibilidade, para as educadoras em formação de exercitar o olhar e experimentar ver além do aparente, na complexa configuração do cotidiano infantil. Para além de uma programação de atividades e organização de rotinas, o plano de ação pedagógica constitui-se numa dinâmica permanente de sistemáticas intervenções e reposituições pautadas num contínuo processo de investigação do universo infantil.

É no estágio que temos a possibilidade de “experimentar” a docência e exercitar o que aprendemos, e para isso, segundo as autoras, “torna-se imperioso aguçar o ouvido e refinar o olhar para o reconhecimento das mensagens e indícios expressivos das crianças. Isso é aprendizagem.” (ROCHA; OSTETTO, 2008, p. 105). Rocha e Ostetto ressaltam a importância das ferramentas pedagógicas, o planejamento, os registros escritos e fotográficos para a prática com os pequeninos. E nesse lócus,

As estagiárias, profissionais em formação, experimentam o papel de pesquisadoras, exercitando sua capacidade de ler a realidade para visualizar particularidades e necessidades coletivas. Pesquisando, desenvolvendo

formas de observação do cotidiano e do grupo de crianças com o qual estão interagindo, poderão então, no processo coletivo de reflexão arriscar propostas e alternativas de encaminhamentos. (ROCHA; OSTETTO, 2008, p. 107).

Feita essa rápida contextualização, já é possível avançar para a análise dos materiais. Vale ressaltar que o recorte feito corresponde aos relatórios e memoriais realizados do ano de 2009 a 2013, ou seja, dos cinco anos anteriores. Inicialmente foram eleitas três questões que norteariam as análises: como as estagiárias pensam o planejamento? Quais são as bases para o planejamento? O cuidar e Educar são planejados? Porém, a medida em que eu ia analisando os materiais foi possível perceber que as estratégias da ação se articulam e se alimentam mutuamente, o que me fez reformular as duas questões iniciais referentes às concepções e as bases do planejamento. Dessa forma, após a mudança nesse percurso, as questões que nortearão as análises são:

- Como as estagiárias pensam o planejamento e em que se baseiam para realiza-lo?
- O cuidar e Educar são planejados?

Tabela 1 - Com os materiais eleitos para análise

ANO	Tipo de DOCUMENTO	TÍTULO	AUTORES	ORIENTADOR	LOCAL DO ESTÁGIO	FAIXA ETÁRIA (GRUPO)
2009	Relatório de estágio	Descobertas e aprendizagens com os bebês	Fabiana de Lima Pereira, Francine Trindade da Silva Rabelo	Alessandra M. Rotta de Oliveira e Eloísa Aires C. Rocha (na orientação dos relatórios finais)	Núcleo de Desenvolvimento Infantil (Trindade)	G2: Até 1 ano e 4 meses
2010	Relatório de estágio	Professor (a) de educação infantil: compreendendo a especificidade e importância do trabalho no cotidiano com bebês	Isabela Bressan, Isabela Cristina Germanovix	Juliane Di Paula Queiroz Odino	Creche Anjo da Guarda	G1: Até 1 ano e meio
2011	Relatório de estágio	Múltiplas Linguagens e as crianças pequenas	Daniela Terezinha Rita	Kátia Adair Agostinho	SEI- HU (Trindade)	2º Período: Até 2 anos
2012	Memorial de estágio	Experimentando a docência: O encontro com as crianças; Infantil	Amanda Prado, Thaiza Wilwert, Vivian Shimizu	Adilson de Ângelo	Creche Ferminio Francisco Vieira (Córrego Grande)	G2: 1 e 2 anos

2013	Memorial de estágio	Memorial Estágio na Educação Infantil: Primeiros passos, primeiras memórias.	Rafaela A. de Souza; Virgínia M. de Araújo	Juliana Schumacker Lessa	Creche Irmão Celso (Agrônômica)	G1: menores de 2 anos
------	---------------------	--	--	--------------------------	---------------------------------	-----------------------

3.1 Concepções e Bases para o Planejamento

Para sabermos sobre o modo como o planejamento foi pensado pelas estagiárias e quais as bases utilizadas para realiza-lo conforme tabela acima, foram eleitos cinco documentos com o recorte temporal de 2009 a 2013. Penso ser importante destacar que nem todos os documentos trazem explicitamente as concepções e bases do planejamento, por isso, busquei indícios ou fragmentos que pudessem responder tais questões.

O primeiro documento analisado correspondente ao ano de 2009, é um relatório fruto do estágio no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da UFSC, com o grupo 2, composto por crianças na faixa etária de um ano a um ano e quatro meses. Ao percorrer o texto *Descoberta e aprendizagens com os bebês* (PEREIRA; RABELO, 2009, p. 20) foi possível observar como as estagiárias pensam o planejamento, para elas:

O planejamento pode ser formulado pensando nas possibilidades para propor desafios, a fim de que as crianças pudessem descobrir o mundo, ter novas experiências e serem incentivadas a expandirem as suas relações afetivas, sociais e cognitivas com o entorno.

As estagiárias se detém bastante no que diz respeito às propostas que foram pensadas para as crianças. Considero que a preocupação das estagiárias com as proposições diz um pouco de suas concepções acerca do planejamento e sua importância.

No relatório de estágio escrito por Pereira e Rabelo (2009) observei que são apontados como bases para as propostas a percepção sobre os registros de campo, escritos e fotográficos, bem como suas análises, afirmando a importância das ferramentas pedagógicas conforme já mencionado no capítulo 2 da presente pesquisa. Também foi possível observar que a parte do texto em que falam das propostas as estagiárias citam Tristão (2006) para dialogarem sobre a prática docente com os bebês.

O documento analisado do ano de 2010 é um relatório intitulado: *Professor (a) de educação infantil: compreendendo a especificidade e importância do trabalho no cotidiano*

com bebês (BRESSAN; GERMANOVIX, 2010, p. 18). O estágio foi realizado na creche Anjo da Guarda no Berçário G1, composto por 14 crianças com idades entre cinco meses a um ano e meio. Ao longo do relatório foi possível observar a importância das ferramentas pedagógicas sendo reafirmada, como pode-se conferir:

Para chegarmos aos dados e fatos que se fizeram inclusos neste relatório, usamos inicialmente da observação participativa, que consisti inserir-se nesta realidade social e ao mesmo tempo lançar um olhar atento às interações entre as crianças no sentido de saber do que brincam, como brincam, como lidam com diversas situações, como por exemplo: sono, entrada e saída de outras pessoas, disputas por brinquedos, espaços...etc. e finalmente atentar para a forma como é a interação entre elas e as profissionais. (p.18)

Ao seguir nas leituras percebi que as estagiárias fazem uso das ferramentas para pensar nas propostas para os pequenos, conforme explicitado na passagem do relatório:

Partindo dessas observações, fizemos o registro diário desse primeiro momento, que foi caracterizado como uma observação participativa, em que ao mesmo tempo que tínhamos esse olhar diferenciado, também participávamos da rotina com a professora e a auxiliar, e pudemos conhecer cada criança, seus anseios, bem como o espaço em que elas ficavam e como era aproveitado. A partir de então, pôde-se perceber a importância do ato de registrar, como um resgate dos fatos ocorridos para uma posterior reflexão [...]. (BRESSAN; GERMANOVIX, 2010, p. 18).

Nas considerações finais as estagiárias comentam sobre suas dúvidas e anseios sobre a docência com os bebês e citam o planejamento:

No começo, a dúvida, durante, mais dúvidas e o surgimento de anseios, de inquietações, o que fazer com os bebês? Qual a importância do olhar atento, do registro, do planejamento? E dos registros depois dos momentos de atuação? Como focar a atuação nesses pequenos seres que ainda não possuem o domínio do idioma. Essas dúvidas podem ser comparadas a uma massa de modelar que vem sem forma, apenas está ali e nós tínhamos que lhe dar o formato. (p. 27).

O documento que analisei referente ao ano de 2011 refere-se ao estágio realizado no SEI-HU, com crianças do 2º período intitulado *Múltiplas linguagens e as crianças pequenas* (RITA, 2011). Sobre as propostas a estagiária afirma que:

É importante considerar as crianças como centro nas relações pedagógicas e considerar os processos de constituição de criança como ser humano em

diferentes contextos sociais buscando ter presente que a criança tem direitos e que é preciso respeitá-los. (p. 10).

Rita (2011) afirma que durante sua prática no estágio II procurou em suas propostas focar nas crianças percebendo suas múltiplas linguagens (p. 10). A afirmação nos faz compreender que a concepção de planejamento da estagiária toma a criança como ponto de partida, ou seja, é a partir dela que o planejamento se constrói.

Aparece neste documento analisado, ressaltado pela estagiária, a contribuição dos registros fotográficos para o ato de planejar, Rita (2011) ressalta que:

nem todos os momentos com as crianças foi possível escrever, então para facilitar a observação utilizei a câmera fotográfica, que acredito ser importante já que ela é uma das ferramentas para observar as crianças e assim poder melhorar minha prática e compreender como as crianças se constituem nos espaços da educação infantil. (p. 9).

Rita (2011) cita as fotografias como registros informantes que dizem muito sobre as crianças e que alimentam o planejamento, ressalta também o papel da memória no momento do registro, como podemos observar no seguinte fragmento:

Na primeira parte do estágio mesmo que não conseguisse observar tudo era possível escrever no caderno durante a observação. No entanto a partir do momento em que comecei minhas proposições isso se tornou difícil, já que as crianças pequenas exigem uma interação constante com o adulto, assim tornou-se impossível fazer registros escritos enquanto observava, então diante disso só pude contar com minha memória ou em alguns momentos com imagens fotográficas. Assim, minha memória teve um papel importantíssimo na confecção dos meus registros. (p. 12).

A estagiária ressalta neste trecho do relatório a importância da memória, como não tinha parceira de estágio, Rita (2011) relata a dificuldade de fazer os registros, pois não havia como propor e registrar ao mesmo tempo. E ressalta a importância dos registros fotográficos, conforme destacado também no capítulo anterior.

Com relação ao planejamento, a estagiária aponta a necessidade que muitas vezes se apresenta de replanejar o proposto:

Nem todas as propostas aconteciam de forma como era planejada, sendo que em alguns momentos tive fazer replanejamentos de minhas propostas principalmente quanto aos espaços pensados, pois dependia do tempo caso chovesse ou da participação das crianças sempre pensando na heterogeneidade e singularidade dos que nem sempre aceitam participar do

que é proposto ou estão tão cansadas que acabam dormindo, assim eu ia respeitando seus momentos, já que as crianças dessa idade necessitam dormir até porque elas passam mais de 6 horas no espaço da instituição infantil. (p. 14).

Rita (2011) indica a importância das observações para compreender e comunicar-se com os bebês. A estagiária se apoia em Barbosa (2010) ao indicar que:

É por meio de diferentes técnicas de observação -, dirigida, natural, com o uso de máquina fotográfica ou filmagem – que nos aproximamos do modo como as crianças se relacionam com o mundo e com as outras crianças, produzindo suas vidas. Como não utilizam a palavra falada é geralmente pela observação crítica, atenta e contínua das atividades, das brincadeiras e das interações das crianças no cotidiano que o professor acessa os sentimentos e questionamentos das crianças. (BARBOSA, 2010 apud RITA, 2011, p. 18).

Em uma outra passagem do texto a estagiária ressalta a importância da observação para o planejamento: “[...] é impossível observar tudo, no entanto quando o professor se dispõe a observar registrar, torna-se possível refletir sua prática e pensar sobre, para fazer de modos diferentes e atentando as singularidades da criança.” (RITA, 2011, p. 18).

Rita (2011) em seu relatório de estágio destaca como bases em seu planejamento além do foco nas crianças e suas linguagens, as Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil (2009), e seus fundamentos norteadores da educação básica:

[...] durante minha prática no estágio II procurei em minhas propostas focar nas crianças percebendo assim suas múltiplas linguagens [...].
Dessa maneira busquei em minhas propostas pedagógicas basear-me a partir das indicações das Diretrizes Curriculares Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil (2009), respeitando assim os fundamentos norteadores da educação básica, que são: Princípios éticos, Princípios políticos e Princípios estéticos. (p. 10-11).

A estagiária afirma que seus planejamentos foram organizados a partir de suas observações e seguindo os preceitos da pedagogia da infância, tendo a criança como foco.

O documento analisado de 2012, *Experimentando a docência: o encontro com as crianças* (PRADO; WILWERT; SHIMIZU, 2012), é fruto do estágio realizado na Creche Ferminio Francisco Vieira com o grupo G2, composto por 15 crianças com faixa etária de um a dois anos. O trabalho está escrito em forma de memorial.

No capítulo 3, intitulado “Roteiro de viagem: Planejamento” que tem com subtítulo “Observação e Planejamento: Concepções e desafios”, fica claro o modo como as estagiárias compreendem o planejamento:

Planejar, portanto, constitui-se como uma atitude crítica, na qual se busca criar orientações que norteiam o trabalho cotidiano institucional, mas que ao mesmo tempo podem ser transformadas conforme o planejamento é vivenciado. (p. 17).

Prado, Wilwert e Shimizu (2012) trazem a importância do registro para o planejamento, como podemos conferir no trecho que segue:

Percebeu-se, assim, a importância do registro como elemento norteador do planejamento pedagógico, uma vez que se compreende que a atitude de “elaborar um roteiro para empreender uma viagem do conhecimento, de interação de experiências múltiplas e significativas” (OSTETTO, 2000, p. 108 apud PRADO; WILWERT; SHIMIZU 2012), isto é, o ato de planejar, mais do que ser pensada “para” o outro deve ser feita “com” o outro. (p. 17).

Os indicativos das estagiárias remetem ao que discuti no capítulo anterior, apoiada nas Orientações Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, que “a observação e o registro são as ferramentas que possibilitarão a ampliação dos conhecimentos sobre as crianças” (p. 235), é esse material que fornecerá subsídios ao planejamento.

Neste capítulo do memorial as estagiárias afirmam as dificuldades encontradas tanto no ato de observar quanto no ato de planejar, por ficarem envolvidas com o movimento do grupo e também pela necessidade das professoras em obterem ajuda. Por outro lado, ressaltam a importância da observação participativa e dizem que:

A observação participativa é a única capaz de nos mostrar diferentes situações ou fenômenos que não seriam obtidos se estivéssemos externos a situação [...]. (p. 19).

Outro ponto que considero importante a ser destacado é a indicação feita pelas estagiárias no que diz respeito ao tempo reservado para realizar o planejamento:

Apesar de, conforme já exposto, compreendermos que o planejamento “não é uma forma” (OSTETTO, 2000), isto é, ele é em partes construído conforme atuamos como docentes, acreditamos que para a elaboração do documento norteador deveríamos ter desposto um tempo maior. (p. 19).

Neste trecho é clara a posição as estagiárias de que, o tempo reservado ao ato de planejar ao que parece não foi suficiente ou, pelo menos, não o quanto gostariam. As estagiárias deixam mais evidente no trecho que segue:

A construção do planejamento, por sua vez, foi recheada de desafios, ao começar pelo espaço/tempo destinado à sua elaboração. Compreendemos que o processo de planejamento necessita de uma reflexão profunda e extensa, pois além de exigir a análise dos dados coletados na observação, pede que pensemos sobre as concepções que mobilizam nossas escolhas. Mais do que isso, esse se configura como um momento de extremo desafio, considerando que nossa formação acadêmica pouco tem nos ensinado a brincar, criar, experimentar diferentes linguagens, e tantos outros verbos de ação que extrapolam o exaustivo ato de teorizar que domina nossas práticas como estudantes de pedagogia. (p. 19).

Penso ser válido destacar tais apontamentos, pois nos possibilitam pensar na formação que temos, infelizmente o curso de pedagogia desta universidade possui poucos momentos de prática, em que possamos nos exercitar nas estratégias da ação docente. É claro que não se pode afirmar que não haja esse contato nas primeiras fases, porém, estes têm se concentrado mais à partir da 7ª fase do curso, que é quando ocorre o estágio obrigatório em educação infantil.

Com relação às bases para o planejamento observei que as estagiárias utilizaram os registros fotográficos e escritos, conforme os trechos abaixo:

Percebeu-se, assim, a importância do registro como elemento norteador do planejamento pedagógico, uma vez que se compreende que a atitude de “elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação e experiências múltiplas e significativas.” (OSTETTO, 2000, p. 108).

[...] acreditamos que a utilização não só da fotografia, mas também do registro escrito foi essencial para que pudéssemos refletor com maior propriedade sobre as vivências do estágio e, à partir disso, construir nosso planejamento. (p. 19).

Foi possível observar também, que além das ferramentas que constituem o planejamento (observação e registro) as estagiárias se apoiam em autores como Ostetto (2000), Ostetto e Rocha (2008), Neto (1994), Galdini e Goldhaber (1995) e as Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil (2010).

O memorial analisado referente ao ano de 2013 foi realizado na creche Irmão Celso, é intitulado *Memorial Estágio na Educação Infantil: primeiros passos... primeiras memórias*

(SOUZA; ARAÚJO, 2013). O estágio foi realizado no grupo 1, que compreende crianças com até dois anos de idade.

No eixo de número 2, “Planejamento: em que consiste planejar na educação infantil?” fica evidente o que as estagiárias pensam sobre o planejamento, conforme excerto:

O planejamento é o documento pelo qual as professoras sistematizam suas observações sobre o cotidiano do grupo, seus olhares, construindo e reconstruindo suas concepções e organizando intencionalmente propostas junto às crianças. Estas propostas são vinculadas aos projetos coletivos da instituição e ao Projeto Político Pedagógico. Portanto, planejar na educação infantil consiste em projetar, traçar um plano que permita a flexibilidade das situações, pois o planejamento não é algo fechado, muito menos linear, ele pode e, muitas vezes irá, mesmo depois de finalizado, sofrer alterações. (p. 29).

As estagiárias no trecho acima destacam a importância do planejamento para a prática e apontam que o planejamento não é algo fechado, não-linear, e pode sim sofrer alterações, e o fato de se planejar, propor experiências não quer dizer que tudo sairá conforme planejado, pois algumas propostas podem caminhar por outros caminhos, e é importante que se tenha claro essas questões.

Souza e Araújo (2013, p. 29), ao falarem sobre as bases que compõem o planejamento, evidenciam que este carrega “as concepções acerca das crianças, infâncias e educação na infância” destacam também a importância da afetividade e a relação de respeito com os pequenos. E deixam claro que é necessário conhecer as crianças para que se tenham as bases para a construção de um planejamento para a educação Infantil:

Assim, para que, de fato, tenhamos as bases para construir um planejamento na educação infantil precisamos como diz Ostetto (2000, p. 190): “entrar na relação com as crianças (e não com os alunos!), mergulhar na aventura em busca do desconhecido”. (p. 29).

Destacam também a reflexão, o cuidado, a observação, os interesses das crianças, a escuta, para se pensar nas propostas:

Pensar o planejamento na educação infantil e principalmente para os bebês, requer um momento de reflexão e cuidado, um cuidado no sentido de pensar em formas de possibilitar outras experiências a partir das nossas observações sobre as diferentes manifestações e expressões dos próprios bebês, de interesse, necessidade, curiosidade, espanto, nos seus desejos de conhecer, ver, descobrir, sentir, imitar... (p. 29).

Foi através da escuta e da observação que fomos propondo aos bebês situações que fossem significativas para eles. (p. 37).

Foi possível concluir que as estagiárias apontam como bases para o planejamento observações, registros escritos e fotográficos, o diálogo com as teorias, pois se apoiam em Luciana Esmeralda Ostetto (2000) referência em planejamento. Souza e Araújo (2013) destacam também que é necessário conhecer, se aproximar das crianças para que se possa pensar em propostas para elas.

A análise dos relatórios e memoriais de estágios evidenciam a importância das ferramentas pedagógicas para o planejamento. Conforme visto no capítulo 2 desta pesquisa, é observando as crianças que podemos conhecê-las, e é através do registro, seja ele descrito, fotográfico ou fílmico que teremos indícios do que propor a elas. A observação, registro, a relação com as crianças, conhecê-las, dialogar com as teorias, é o que possibilita o professor pensar em propostas para as crianças. Não há como planejar uma experiência sem saber para quem se está planejando e na prática isto fica mais evidente. Por isso considero tão importante o conhecimento dessas ferramentas, que se entrelaçam e alimentam o planejamento.

Outro ponto destacado nas análises é a ação de replanejar o proposto. O planejamento é pensado de uma forma, mas pode ser que no momento de pôr em prática o que está no papel, não dê certo, ou ainda, as crianças podem indicar outros caminhos. Por isso, vejo a importância de ressaltar que o planejamento não deve ser algo engessado, é exatamente o oposto, ele precisa ser flexível, para que se necessário for, realizar adequações necessárias de acordo com as indicações dos pequenos.

Aqui penso ser importante ressaltar a consonância que encontrei entre os encaminhamentos dos estágios analisados e as indicações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, da importância de articular as experiências e os saberes das crianças com os diferentes conhecimentos, para promover o desenvolvimento integral das crianças.

3.2 Cuidar e Educar

Antes de dar sequência a análise dos relatórios e memoriais penso ser importante destacar que esta é a última e talvez a mais difícil pergunta, analisar se os momentos de cuidar e educar são planejados. Considero difícil, pois não tenho os planejamentos realizados pelas estagiárias e também por entender que o fato de esses momentos talvez não estarem explícitos

nos relatórios e memoriais, não quer dizer que não foram planejados, pois estes documentos são um recorte do que foi a prática.

Ao analisar os materiais escolhidos para essa pesquisa quanto ao que os mesmos apresentam sobre os momentos de educação e cuidados encontrei a seguinte afirmação:

Procuramos valorizar também estes momentos. Pensamos em possibilidades, que foram posteriormente, colocadas em prática durante o período de coordenação. Nas trocas buscávamos criar processos comunicativos-afetivos, tocando o corpo da criança e conversando com ela carinhosamente. No lanche procurávamos expandir os seus movimentos e autonomia, oferecendo, por exemplo, o copo na mão, para que elas segurassem, alguns alimentos também já eram oferecidos em pedaços pequenos, o que possibilitava que comessem sozinhos. Nos momentos de sono, uma música relaxante era posta e fazíamos carinho, estimulamos para que dormisse no bebê conforto ou no próprio colchão em vez do colo. (PEREIRA; RABELO, 2009, p. 21).

A primeira frase do material analisado já revela que o cuidado estava sendo intencional na prática das estagiárias, quando as mesmas revelam a valorização do mesmo, pensando os momentos de troca, estabelecendo comunicação e afetividade, ou seja, fica claro que esses momentos foram planejados, de modo que não se tornasse uma ação mecanizada, fragmentada. Esse indicativo vai na mesma direção do que Duarte (2012) defende, uma prática que “não separe a cabeça do corpo”, uma prática intencional.

Quando as estagiárias falam em expandir os movimentos de autonomia, podemos fazer uma relação com o que diz Guimarães (2008) sobre o *cuidado de si*, de deixar que a criança dirija-se, é dessa forma que se possibilita a autonomia, mostrando o caminho. Já na última parte do fragmento podemos perceber que havia também a preocupação com os momentos do sono, de ofertar um ambiente aconchegante e confortável.

É possível ainda perceber o educar e cuidado pensados nas propostas de Pereira e Rabelo (2009, p. 31) no fragmento que segue:

Concomitantemente a todas as propostas realizadas com as crianças, nos utilizamos de muitos diálogos. Valorizando as crianças através de suas brincadeiras, gestos, risos, danças, choros e nos momentos de cuidados. O diálogo afetuoso é sempre uma prática social aceita pelas crianças.

Neste fragmento as estagiárias demarcam a importância do diálogo na relação educativa, de conversar com as crianças, perceber seus gestos, seus choros, isso também faz parte do cuidado.

As estagiárias afirmam o que aprenderam com a experiência da docência com os bebês e a questão do cuidar e educar:

Além de todas as conquistas alcançadas durante o estágio, conseguimos buscar o entendimento de que trabalhar com bebês exige sim uma prática de cuidados, mas que concomitantemente, há que se ter também vivências que proporcionem e incentivem o trabalho com todas as dimensões do humano (p. 38).

Neste trecho percebi que as estagiárias compreenderam na prática a especificidade da educação infantil, o cuidar e educar, quando afirmam o entendimento de que há as práticas de cuidados e concomitante a essas práticas, existe a dimensão educativa. Essa afirmação das estagiárias nos remete a ideia da pesquisa, de que “a dimensão do cuidado é intrínseca à dimensão do educar” (DUARTE, 2012, p. 157), já ressaltada anteriormente e ressaltada aqui pela importância da mesma, e este fragmento do relatório permite afirmar que havia a preocupação em articular essas dimensões.

Quando Bressan e Germanovix (2010) se detém a contar quais foram as propostas pensadas para as crianças, percebe-se indícios do cuidar e educar, como por exemplo: interação, organização e troca de fraldas, diversificação dos tipos de músicas, ampliação dos repertórios de formas, cores e texturas, tornar significativo os momentos das refeições, o que possibilita afirmar que houve intencionalidade na prática.

Algo que considero importante destacar neste relatório é a reflexão que as estagiárias fazem sobre ser professora de bebês, mais especificamente a nível de senso comum. A visão de que professora de bebês é uma babá, como fica evidente neste trecho:

Esse conceito pejorativo e muito prevalente na sociedade e mesmo entre as profissionais (de maneira velada) nos levou a perceber que o e a profissional se faz pela maneira de sua atuação, pois mais que uma relação de cuidado, também o é de educação e ensino, na medida em que entra a intencionalidade de uma ação voltada para ampliar, diversificar e sistematizar o conhecimento. (p. 25).

Essa discussão é bastante interessante, principalmente porque essa visão da professora de bebês ganha mais visibilidade quando se reflete sobre a prática, como as estagiárias afirmam “a profissional se faz pela sua atuação”. Essas discussões são muito importantes para deixar de lado essa ideia de que professora de bebês só cuidam, é também um objetivo dessa pesquisa mostrar que cuidado e educação caminham juntas, conforme dialogado com Duarte

(2011) no capítulo 2, “a dimensão do cuidado é intrínseca a dimensão do educar”, a autora defende que estas dimensões devem formar a base da prática docente.

Pude observar no relatório de Rita (2011) que os momentos de troca foram pensados no planejamento, à partir de uma situação vivenciada com uma das crianças do grupo, como relato a seguir:

Trago com isso o exemplo de um dos momentos vividos com as crianças que foi a troca de fraldas da Geovana, o que poderia ser apenas uma troca rotineira se tornou algo extremamente importante que usei em minha prática. [...] eu tentei tornar aquele momento com Geovana o mais prazeroso e tranquilo possível para que assim ela pudesse vivenciar com mais inteireza o momento da troca. (p. 17-18).

A estagiária afirma que o planejamento desses momentos foram possíveis através de suas observações sobre as trocas, e menciona o cuidar e educar indissociáveis:

Sendo que esse planejamento da prática pedagógica foi possível devido minhas observações sobre de que forma aconteciam as trocas de fraldas num grupo em que as crianças são múltiplas, mostrando assim que o ato de eu pensar sobre como tornaria as trocas mais prazerosas para as crianças, assim como organizar os momentos em que aconteciam as trocas para que elas não acontecessem sempre do mesmo modo e no mesmo tempo, já constitui o educar e o cuidar como algo indissociável. (p. 18).

Diante dessas passagens do texto conclui-se que as trocas foram pensadas, afim de que não acontecessem sempre do mesmo jeito, no mesmo tempo e que fosse um momento prazeroso para a criança, além de a dimensão educativa se fazer presente nessas ações.

Prado, Wilwert e Shimizu (2012) ao longo do eixo 3, trazem evidências acerca do cuidar e educar:

[...] pensamos bastante acerca da denominação do nosso projeto e tentamos transmitir ao máximo essa compreensão de estágio que tínhamos. «Minúcias: detalhes que cuidam», foi por fim escolhido como título. Nele buscamos evidenciar nossa preocupação com a questão do cuidado, que além de ser um dos pilares do trabalho com a infância, quando se trata de crianças pequenas, como as que estávamos trabalhando, é algo que ocupa um espaço significativo no cotidiano escolar. (p. 21).

Em outro trecho as estagiárias comentam sobre as propostas e incluem a preocupação com o cuidar e educar de modo indissociados:

Dentro desse projeto buscamos evidenciar os eixos das interações, organização da rotina e do espaço, considerando importante outras dimensões do cotidiano da educação Infantil como o tempo institucional em confronto ao tempo do sujeito, o cuidar não dissociado do educar, a brincadeira lúdica através de músicas. Pensando na rotina e no espaço, planejamos algumas intervenções que deveriam ocorrer em diferentes momentos da tarde. (p. 22).

Prado, Wilwert e Shimizu (2012) trazem alguns conceitos fundamentais à prática com crianças pequenas, conceitos estes já postos nos capítulos anteriores da presente pesquisa. Dentre eles o conceito de responsividade, de Bakhtin (2010):

Este conceito nos faz entender que nós por sermos seres humanos únicos no mundo que ocupamos essa posição de professores, precisamos dar uma resposta a isso, pois não temos alibi à nossa existência. [...] Podemos dizer assim que o que deve nortear nossas práticas pedagógicas, acima de tudo, é o entendimento do outro, de nossos bebês como prioridade. (p. 23).

Neste trecho percebe-se que as estagiárias se preocuparam em suas práticas ter ações responsivas junto as crianças, este é um conceito fundamental na docência com os bebês conforme já visto na presente pesquisa, no capítulo 2, quando recorri à Guimarães (2008) e Schmitt (2011) para compreender a responsividade. É através destas atitudes que mostramos que estamos à disposição dos bebês, pois são a prioridade, assim como indicam as estagiárias

Nas linhas que se seguem, explicam como se dão essas atitudes responsivas:

Acreditamos que o olhar, a forma como tocamos nas crianças, com força, com leveza, como conversamos com elas, como respeitamos o seu sono, fome, irritação, a tentativa de interpretar os choros, as ações, são cuidados que mostram o respeito que temos por esses sujeitos, e qual é o papel que ele ocupa dentro daquele espaço, ao mesmo tempo em que definimos o nosso papel, pois “compreender o outro é compreender seu dever em relação a ele” (SCHMITT, 2011, p. 12). (p. 23).

Vemos aqui que ao ressaltarmos a importância da presença, a compreensão da responsividade no capítulo anterior tem pertinência ao percebermos o quanto o conceito inspirou, colaborou para as práticas no estágio, o que fica muito evidente do fragmento acima, em que as estagiárias contam todo o cuidado e o respeito que envolveu suas práticas e a preocupação de interpretar o que as crianças indicavam. Prado, Wilwert e Shimizu (2012) revelam assim o entendimento da especificidade da docência com os pequeninos. Mesmo sem o planejamento na íntegra, pude observar esse entendimento por parte das estagiárias através dos registros fotográficos contidos no decorrer do documento.

No memorial escrito por Souza e Araújo (2013) pude observar que ao longo do eixo 2, há fragmentos acerca do cuidar e educar, conforme a seguir:

[...] pensando nos modos próprios das crianças de se relacionar entre si e com os outros, planejamos organizar esses encontros esporádicos e espontâneos que aconteciam entre os bebês com as demais crianças da creche. [...] Conforme as próprias crianças já haviam nos demonstrado em outras situações que pudemos registrar, compreendemos que os momentos de encontros entre os bebês com as demais crianças consistem em experiências significativas que potencializam as relações de cuidado um com o outro. (p. 52).

O trecho acima refere-se a uma das proposições das estagiárias para o G1, que consistiu em organizar um momento de troca de experiência com o G2 durante o momento da janta. A seguir, Outro trecho em que Souza e Araújo (2013) discorrem sobre o objetivo da proposta:

Queríamos potencializar a interação dos bebês com outras crianças nos momentos de alimentação, marcados pelo cuidado de si e do outro e permitir que os bebês experimentassem esses momentos de maneira mais livre. Além disso, pensamos que a proposta também contribuía na ampliação dos repertórios de saberes pela ação e encontro com outras crianças (do grupo 2), considerando-as como protagonistas da ação educativa e que as crianças, desde cedo, se interessam (e aprendem) umas com as outras. (p. 53).

Os trechos citados acima permite afirmar que as estagiárias pensaram em propostas que contemplam o cuidar e educar, indissociável, levantam a importância do cuidado de si e do outro, que é a partir das experiências e da relação com as outras crianças e também dos adultos que se dá os momentos de cuidado e educação.

De modo geral, pude perceber que os momentos de cuidar e educar foram pensados pelas estagiarias, ficando visíveis nos fragmentos contidos na presente análise, dentre os momentos que articulam o cuidar e educar, posso citar: as interações, os momentos das refeições, as trocas de fraldas, as trocas de experiências com outros grupos. Esses momentos indicam que o cuidado não se traduz apenas aos cuidados com o corpo, mas para, além disso, nas atitudes das professoras com as crianças, nas propostas pensadas para elas, o que foi possível perceber também pelos registros fotográficos trazidos nos relatórios e memoriais. A ideia de trazer a análise desses materiais era também de verificar se na prática o cuidar e educar estavam postos como momentos indissociados e pelo que observei, a resposta a essa pergunta é bem positiva, pois não foram momentos pensados separadamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa foi analisar como o planejamento torna-se um instrumento norteador da prática docente, aprofundando a compreensão acerca de sua importância para a docência junto aos bebês e a especificidade da educação infantil. Para alcançar os objetivos discorri brevemente sobre a área, aprofundamos os conceitos de cuidar e educar, dimensões que constituem a especificidade desta primeira etapa da educação básica, e analisei os relatórios e memoriais de estágio do curso de pedagogia dos anos de 2009 a 2013. A referida análise buscou nos fragmentos dos relatórios quais eram as concepções de planejamento que tinham as estagiárias e as bases para as propostas e se as dimensões do cuidar e educar foram planejadas.

Nas análises observei que as estagiárias citam o planejamento como uma ferramenta que norteia o trabalho pedagógico, que possibilita sistematizar e propor desafios e experiências aos pequenos. No planejamento é contido os olhares das estagiárias sobre o cotidiano do grupo de crianças, percebi também que o entrelaçamento das estratégias da ação fica mais evidente na própria prática. É na prática que se percebe de fato a importância de cada ferramenta, desde a observação, perpassando os registros, o planejamento, até chegar na avaliação, que por sua vez tem o objetivo de verificar o proposto para replanejar se necessário for. As estagiárias citam a observação participativa, os registros escritos, imagéticos e fílmicos como ferramentas que alimentam o planejamento. Algumas estagiárias também utilizam como bases para suas propostas fundamentalmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, mas também aparecem como bases os autores presentes neste estudo, como por exemplo, Ostetto, Rocha e Ostetto, e Tristão, que são referência em planejamento docente e prática docente com bebês, respectivamente. Ressalto ainda a presença das Orientações Curriculares do município de Florianópolis, por se tratar de um documento em que os professores devem se basear para compreender e utilizar as ferramentas pedagógicas que são fundamentais para a prática na Educação Infantil.

Apesar da análise se guiar pelas questões que compreendem as concepções e bases para o planejamento bem como o cuidar e educar, não pude deixar de inserir nas análises outras questões que julgo muito importante, como por exemplo, o tempo reservado ao planejamento, o pouco contato com a prática durante o curso de pedagogia desta universidade, e a visão de que professora de bebês só cuida. Penso ser importante destaca-las pois fazem parte da realidade. Muitas vezes acontecem imprevistos durante os estágios que acabam por encurtar o tempo de observações, de planejamento e até mesmo de intervenções. Ou ainda, o

tempo que as estagiárias dispõem para planejar acaba não sendo suficiente. O contato com a prática ao longo do curso também é uma questão que merece mais atenção, esse contato conforme já mencionei no capítulo anterior, se concentra mais nas últimas fases do curso. Penso que é necessário promover mais momentos em que as estudantes possam ir a campo e adquirirem experiências, articulando a teoria com a prática.

A visão de que professora de bebês só cuida, questão trazida por mim nesta pesquisa e também observada no relatório de Bressan e Germanovix (2010) ainda é existente, porém penso que com todas as pesquisas realizadas na área, algumas inclusive utilizadas aqui nesse estudo, mostram que ser professora de bebês não significa somente atender os cuidados básicos, e sim cuidar e ao mesmo tempo educar, pois conforme destacado nesta pesquisa, essas dimensões são objetivos indissociáveis na educação infantil. Dessa forma, o trabalho docente no berçário pode ser caracterizado como uma presença atenta e disponível a compartilhar os tantos acontecimentos do cotidiano.

A questão referente ao cuidar e educar, foi de longe, a mais difícil de analisar nos relatórios e memoriais, não só pelos planejamentos não estarem anexados aos materiais, mas por esses momentos serem muito entrelaçados e “sutis”. Nem sempre estavam explícitos nos fragmentos. Aproveito para fazer a indicação de que os planejamentos sejam incluídos nos memoriais, pois fazem parte das vivências das estagiárias, além de se constituir uma ferramenta pedagógica essencial para a prática, conforme visto nesta pesquisa.

E por fim, penso ser importante destacar o planejamento como instrumento norteador da prática docente, é este documento que orienta as ações do professor e marca a intencionalidade de sua prática. Esta pesquisa evidenciou que o planejamento juntamente com a observação, registro e avaliação constituem o fazer pedagógico, são ferramentas que se entrelaçam e se alimentam mutuamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ordália Alves. Avaliação na Educação Infantil com o protagonismo da criança. **Presente!**: Revista de Educação, Salvador, ano 18, n. 69, p. 35-41, dez. 2010/mar. 2011.

BARBOSA, Maria Carmem. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Consulta Pública sobre orientações curriculares nacionais da educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB/COEDI, 16p., ago. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 25 abr. 2014.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009 - **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Publicado no Diário Oficial da União. Brasília, 2009.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer Nº 20 do CNE/CEB**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2097&Itemid>. Acesso em: 25 abr. 2014.

CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?. **Perspectiva**, Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, v. 17, n. esp, p. 11-21, jul./dez. 1999.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **As crianças no interior da creche**: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação. Florianópolis, SC, 2002. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, SC, 2002.

_____. Educação Infantil: espaço de educação e cuidado. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25., 2002, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2002. 18p. Disponível em: <<http://25reuniao.anped.org.br/angelascalabrincontinhot07.rtf>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do Projeto de Pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. cap. 2, p. 31-50.

DUARTE, Fabiana. **Professoras de bebês**: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente. Florianópolis, SC, 2011. 288 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, SC, 2011.

_____. _____. Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo. 2012

FERNANDES, Cíntia Oliveira. **A Prática Norteadora das Estagiárias de Pedagogia**: uma análise do Estágio em Educação Infantil com os bebês. Florianópolis, SC, 2013. Trabalho de

Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, SC, 2013.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Florianópolis. **Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de ensino de Florianópolis** – Estratégias das Ações Pedagógicas. Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora Ltda., 2012. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/26_12_2012_10.15.02.2b522604ceffbdac794799abc0767711.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro**: técnicas corporais, responsividade, cuidado. Rio de Janeiro, RJ, 2008. 222 f. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

_____. No contexto da creche, o cuidado como ética e a potencia dos bebês. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2008.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.). **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.). **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2008.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; OSTETTO, Luciana Esmeralda. O estágio na formação universitária de professores de educação infantil. In: SEARA, Izabel Christini, et al (Org.). **Práticas pedagógicas e estágios**: diálogos com a cultura escolar. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008. 216 p.

SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo da et al. Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Curitiba: Champagnat, 2009. p. 4554-4566. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3124_1712.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. O encontro com bebês e entre bebês: uma análise d entrelaçamento das relações. In: ROCHA, Eloísa Acires Candal, KRAMER, Sônia (Org.). **Educação Infantil**: enfoquem em diálogo. Campinas, SP: Papirus, 2011. p. 17-33.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês**: um estudo de caso em uma creche conveniada. 2004, 213 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, SC, 2004.

_____. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês. In: **Infância Plural**: crianças de no nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 40.

_____. **Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. Zero-a-Seis,** Florianópolis, n. 9, p. 1-14, 2009.